Excertos de Hope e Timmel.

HOPE, Anne; TIMMEL, Sally. *Training for transformation*. A handbook for community workers, Book 1. Zimbabwe: Mambo Press, 1986.
HOPE, Anne; TIMMEL, Sally. *Training for transformation*. A handbook for community workers, Book 2. Zimbabwe: Mambo Press, 1984a.
HOPE, Anne; TIMMEL, Sally. *Training for transformation*. A handbook for community workers, Book 2. Zimbabwe: Mambo Press, 1984b.
HOPE, Anne. Building a convivial society: insights from Nyerere and Freire. *Fourth Annual Julius Nyerere Memorial Lecture*. Cape Town: University of Western Cape, 2007. Disponível em: http://www.theglassishalffull.co.uk/building-a-convivial-society-insights-from-nyerere-and-freire-a-speech-by-anne-hope/

Relações entre Hope, Timmel, Freire e Biko.

"Retornei para África do Sul no final de 1962, logo após a independência de Uganda. Estava aqui através do *Graal* quando ouvi falar de Paulo Freire pela primeira vez, o educador brasileiro que estava virando de cabeça para baixo a sabedoria aceita em torno da educação de adultos e do desenvolvimento. Alguns de nossos membros do *Graal* estavam trabalhando com ele no Movimento de Educação Básica em São Paulo, elaborando novos métodos de desenvolvimento da conscientização através dos programas de alfabetização. Ele costumava dizer que estava encorajando as pessoas a 'ler sua própria realidade e escrever sua própria história'" (HOPE, 2007, p. 5).

"Em 1969, fui fazer um Mestrado em Educação de Adultos e Relações Humanas na Universidade de Boston e foi nesse programa que conheci Sally Timmel. Desde então, passamos a trabalhar juntas com frequência. (...) Em Boston, fiz todos os cursos que pude encontrar sobre a abordagem de Freire, e o próprio Freire passou o ano seguinte em Boston. Participei de uma série de seus seminários caóticos. (...) Quando voltei para a África do Sul, trabalhei no Instituto Cristão com Beyers Naude, que concordou que eu deveria começar uma série de programas de alfabetização procurando adaptar a metodologia de Freire" (HOPE, 2007, p. 6).

"Foi no início de 1972 que Steve Biko e Bokwe Mafuna me procuraram e disseram: 'SASO está planejando implantar uma campanha nacional de alfabetização, por toda a África do Sul, no decorrer das longas férias de dezembro e janeiro, e queremos usar a metodologia de Paulo Freire. Queremos que seja uma consciência real, não apenas uma técnica de ler e escrever' (...)
Eu lhes disse: 'Esse método não é algo que se possa, apenas, ensinar. Ele envolve todo um processo de realização de pesquisas de escuta, em cada comunidade, para identificar as questões sobre as quais as pessoas têm sentimentos fortes, desenvolvendo materiais eficazes para a resolução de problemas, os chamados códigos, para focar a atenção do grupo claramente em um problema específico, esquemas de discussão e diferentes processos de planejamento de ação. Demora meses'. 'Ok! É isso que queremos!' disseram" (HOPE, 2007, p. 6). Em *Pedagogia do oprimido* (2018, p. 135), Freire não usa o termo código, mas "situação existencial codificada" ou figurada.

"Eles foram o grupo mais comprometido e criativo com o qual eu já trabalhei e, de fato, durante esses 6 meses, desenvolvemos o esboço do treinamento em etapas que mais tarde se tornaria o base do treinamento DELTA, no Quênia, e do programa de *Treinamento para transformação*, que desde então se espalhou por mais de vinte países, na África e em outros lugares" (HOPE, 2007, p. 6-7)

Treinamento para transformação.

"A primeira parte é basicamente a teoria de Paulo Freire sobre o desenvolvimento da consciência crítica e como colocar essa teoria em prática.
A segunda parte é focada nas habilidades necessárias para a educação participativa. Para quebrar a 'cultura do silêncio' as pessoas precisam conquistar um sentimento de autoconfiança e saber que o que pensam é importante. Portanto, os métodos para engajar ativamente o grupo são essenciais para a liderança de grupo, assim como as formas de esclarecer e implementar as metas do grupo.
A terceira parte trata da análise social necessária para desenvolver a consciência crítica e o planejamento de longo prazo e estabelecer as etapas necessárias para a construção da solidariedade nos movimentos populares" (HOPE; TIMMEL, 1986, Prefácio).

“Reflexão sem ação é mero verbalismo. Ação sem reflexão é puro ativismo” (HOPE; TIMMEL, 1986, Prefácio; FREIRE, 2018, p. 107-108).

“O programa de treinamento DELTA, no qual a maioria desses métodos foram desenvolvidos ou adaptados para o uso na África, foi iniciado no Quênia, em 1974, por Anne Hope e Sally Timmel, colaboradoras do Movimento Internacional do Graal. Em 1982, quatrocentos líderes comunitários participaram de programas de treinamento usando estes métodos no Quênia e, em 1982, mais de cinquenta mil participavam de mais de dois mil grupos iniciados por esses líderes” (HOPE; TIMMEL, 1986, p. 5).

“Porque os laços de pobreza e opressão tornam a vida de um grande número de pessoas cada vez mais desumanas, é entre os pobres e oprimidos que os programas de desenvolvimento e educação de adultos devem começar” (HOPE; TIMMEL, 1986, p. 3). Ao referir-se a essa ideia, Freire usa a expressão “desenvolvimento da pessoa humana” (2018, p. 189).

“O desenvolvimento surge a partir da compreensão do próprio povo sobre suas necessidades e direitos. (...) O desenvolvimento é uma experiência de liberdade, pois as pessoas escolhem o que fazer. Esta é uma experiência difícil para quem viveu muito tempo numa situação de subordinação e sem esperança. Decidir e fazer algo traz dignidade e respeito próprio. Os esforços para esse desenvolvimento devem, portanto, começar com o potencial das pessoas e prosseguir em sua valorização e crescimento” (HOPE; TIMMEL, 1986, p. 16).

“Uma vez que nos sentimos razoavelmente seguros e protegidos, começamos a ponderar como podemos garantir que realmente somos amados e temos um lugar na comunidade onde sentimos que pertencemos. Nossa percepção de respeito próprio e dignidade pessoal dependem da percepção de amor e pertencimento, mas também de uma percepção da autonomia, da convicção de que estamos trazendo uma contribuição valiosa para o mundo. E uma vez que todas essas necessidades são atendidas, é normal querer desenvolver todos os dons e possibilidades que estão escondidos dentro de nós” (HOPE; TIMMEL, 1986, p. 66).

“Este exercício foi desenvolvido a partir de uma experiência da vida real ocorrida em Uganda, em 1959. Uma das aldeias tinha numerosos problemas, tanto no campo da saúde (todos os tipos de vermes, malária, bilharzíase, e nenhuma clínica) e uma escola muito pobre, na qual os professores estavam quase sempre ausentes. Em uma reunião na aldeia, as pessoas realmente insistiram que sua principal prioridade era fazer um campo de futebol. Fiquei chocada, mas o CDO (Coordenador do desenvolvimento comunitário) sabiamente encorajou o grupo a ir em frente. Eles fizeram seu campo de futebol, começaram a jogar, organizaram um time e jogaram contra outras aldeias. O campo de futebol foi um momento decisivo na vida do vilarejo. Eles ganharam autoconfiança, uma estrutura para se comunicar uns com os outros, e a sensação de que eram capazes de mudar as coisas. Depois, eles abordaram muitos outros projetos ‘mais importantes’. Mas eles eram realmente mais importantes? Não era sua intuição pessoal que eles precisavam de algo para construir a percepção de si mesmos como uma comunidade e adquirir a confiança de que poderiam atingir seus próprios objetivos. Isso era muito mais importante do que a minha prioridade de forasteira por uma clínica. Esse foi um ponto de mudança em minha própria formação de como trabalhar com as comunidades” (HOPE; TIMMEL, 1986, p. 71). Na sequência do texto, Hope e Timmel sugerem o uso de um questionário para conhecer as prioridades de uma comunidade.

FIQUEI SÓ NO PRIMEIRO VOLUME DO LIVRO, QUE TRABALHA COM AS IDEIAS E O MÉTODO DE FREIRE, MINHA INTENÇÃO FOI DESTACAR ALGUMAS PASSAGENS QUE PARECEM TER INFLUENCIADO STEVE BIKO E O CONSCIÊNCIA NEGRA, EXISTEM MUITAS OUTRAS.